



SANGUE, CORAÇÃO E PELE: RITUAIS DE SACRIFÍCIOS ASTECA NO FESTIVAL *TLACAXIPEHUALIZTLI*

Ruan Gonçalves Monteiro¹, Fabrício Ferreira da Silva², Jonailton Oliveira
Ferreira³, Maria Vitória Ribeiro de Sousa⁴

Resumo: Sangue, coração, pele e sacrifícios. As festividades dos meses astecas reuniam seu povo com tribos vizinhas que assistiam ao espetáculo que acontecia em determinado mês, ali eram feitos rituais que poderiam durar semanas ou meses, há depender de qual divindade estava sendo festejada. Quando os europeus chegaram onde hoje é o México ficaram em choque com a cultura do povo e como eles agiam diante dos rituais. É a partir disso que desenvolvo este trabalho, procurando refletir como eram feitos os rituais de sacrifícios humanos dos povos astecas tendo como aporte as narrativas dos cronistas, Bernardino Sahagún, Diego Durán, Fray Toribio de Motolinia e El Conquistador Anónimo sobre a festividade que acontecia no mês *Tlacaxipehualiztli* do calendário asteca.

Palavras-chave: Rituais de sacrifícios. Festividades. Astecas. Cronistas.

1. Introdução

Cultuando sua cultura entre os séculos XIII e XVI, os povos astecas habitaram onde hoje é o México, ali fundaram a cidade de *Tenochtitlan*. Politeístas e com a crença de que deveriam oferecer sangue em seus ritos aos seus deuses, os astecas durante os anos de domínio fizeram-nos. Tendo um calendário com dezoito meses, e neles alguns que haviam rituais de sacrifício humano que ficaram marcados pelos cronistas e povos europeus que chegaram à civilização asteca entre os séculos XV e XVI.

Sangue e coração dos sacrificados eram os destaques nas oferendas para os deuses nos rituais astecas. Em suma, o sacrifício humano da maioria dos rituais se dava em abrir o peito do sacrificado e oferecer o coração aos deuses, bem como o sangue do sacrificado. No segundo mês asteca, o *Tlacaxipehualiztli*⁵, acontecia a festividade e o ritual. Nesse ritual fazia-se o que foi citado acima com sacrifícios ao deus *Xipe-Totec*⁶, mas talvez o evento principal nesse mês deixava de ser a extração do coração do prisioneiro para ser o esfolamento do mesmo, pois havia a crença de que a pele retirada seria o

¹ Universidade Regional do Cariri, e-mail: ruan.goncalvesm@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, e-mail: fabricio.ferreira@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri, e-mail: jonailton.oliveira@urca.br

⁴ Universidade Regional do Cariri, e-mail: vitoriaribeiro1327@gmail.com

⁵ É o segundo mês do calendário asteca, seu nome significa “esfolamento de homem” (SAHAGÚN, 1829, pág. 89, tomo I).

⁶ Deus da vegetação, da primavera e dos ourives, seu nome significa “Senhor Esfolado” (BORDIN, 2003).



que esse deus fazia com a terra quando chegava o inverno (GARIBAY, 2000 *apud* Bordin, 2003), a pele do prisioneiro era retirada e pintada de amarelo, um sacerdote era revestido com ela e perambulava pela cidade e após 22 dias a pele era queimada (BORDIN, 2003).

Nesse festival, segundo Durán (1880) eram sacrificadas mais de sessenta pessoas em todo o México, Motolinia (1903) destaca que em partes do México eram cinco, outras dez e em outras mais eram esfolados e aqueles que vestiam a pele dos sacrificados dançavam pela festa. “Esta flesta se llamaba de Tlacaxipevaliztli, que tornando en nuestra lengua lo que quiere decir, se dirá « día de desollamiento de hombre ».” (Motolinia, 1903, p. 60). Nessa festividade acontecia o esfolamento dos prisioneiros, pois além de terem os seus peitos abertos e o coração retirado, tinham também suas peles retiradas, como conta Diego Durán:

“[...] el segundo mes que los indios celebraban el cual día primero de este segundo mes celebraban la fiesta primera de las diez y ocho que en cada principio de mes celebraban llamábanle á esta fiesta (tlacaxipehualiztly) que quiere decir desollamiento de hombres de la cual solemnidad y sacrificios crueles y terribles y espantosos de muertes de hombres. [...] después de muertos los desollaban y se vestían los cueros otros que para aquello eran diputados y andaban á pedir limosna por las puertas y á asombrar muchachos y á bailar de puerta en puerta [...]” (DURÁN, 1880, p. 271).

“[...] sacándole el corazón y de ofrecello al oriente los desolladores que tienen este particular oficio echaban de bracas al muerto y abríanle desde el colodrillo asta el calcañar y desollauanlo como a carnero sacando el cuero todo entero.” (DURÁN, 1880, p. 149).

Bernardino de Sahagún ainda descreve que nesse ritual os prisioneiros eram colocados sobre uma pedra que ficava no alto de um templo e lá de cima acontecia a retirada do coração e o oferecimento aos deuses, assim como após terem feito isso, o corpo do sacrificado era jogado escadas abaixo e lá sua pele era retirada antes de cortarem ele em pedaços.

“Llegándolos al tajón que era una piedra de tres palmos em alto, ó poco mas, y dos de ancho, ó casi, echábanlos sobre ella de espaldas y tomábanlos cinco, dos por las piernas y dos por los brazos y uno por la cabeza, y vênia luego el sacerdote que le habia de matar, y dábale con ambas manos con una piedra de pedernal, hecha á manera de Hierro del ancon por los pechos, y por el ahugero que hacia, metia la mano y arradeabale el corazón, y luego le ofrecia al sol; echábale em uma tinaja. [...] Antes que hiciesen pedazos a los cautivos los desollaban, y otros vestian sus pellejos y escaramuzaban com ellos com outro pwlwjoa, como cosa de guerra, y se prendian los unos á los otros.” (SAHAGÚN, 1829, pág. 51-52, tomo I).

Nesse festival também acontecia a batalha dos gladiadores descritos por Durán (1880, p. 81) e El Conquistador Anonimo (1941, p. 25-26), nesse espetáculo havia uma pedra com uma corda no meio e essa corda amarrava o pé dos prisioneiros e ali eram obrigados a se defenderem ou lutarem contra



outras pessoas que estavam caracterizadas de alguma divindade, a elas eram dadas uma espada com penas e com elas deveriam se defender ao mesmo tempo que desviar de pedras que eram arremessadas contra eles. Era um espetáculo que o prisioneiro tinha um final tal qual os outros, seu peito era aberto e o coração oferecido aos deuses.

“[...] hacian subir al cautivo sobre la piedra redonda á manera de muela, y estando sobre ella el cautivo, venía uno de los sacerdotes ó ministros del templo vestido com um cuero de oso, el cual era como padrinho de los que ali morian, y tomaba uma sogá, la cual salia por el ojo de la muela, y atabale por la cintura com ella. Luego led aba su espada de palo, la cual em lugar de navajas, tenía plumas de aves pegadas por el corte, y dabale cuatro garrotes de pino conque se defendiese y com que tirase á sus contrários. El dueño del cautivo dejándolo de esta manera ya dicha sobre la piedra, ibase á su lugar, y desde allí miraba lo que pasaba com su cautivo estando bailando. Luego los que estaban aparejados para la lid, comenzaban á pelear com el cautivo de uno em uno.” (SAHAGÚN, 1829, pág. 91-92, tomo I).

2. Objetivo

Este trabalho procura analisar o ritual de sacrifício asteca, mais especificamente o segundo mês do calendário asteca, *Tlacaxipehualiztli*, com rituais de sacrifícios ao deus conhecido como *Xipe-Totec*, onde nesse ritual acontece o esfolamento dos sacrificados. É possível compreender esse ritual através de escritos dos cronistas, por isso escolho El Conquistador Anonimo com a obra *El Conquistador Anonimo: Relación de algunas cosas de la Nueva España y de la gran ciudad de Temestitan Mexico. Escrita por um compañero de Hernan Cortes* (1941), o *Memoriales* (1903) de Fray Toribio de Motolinia, Diego Durán em sua obra *Historia de las Indias de Nueva-Espanã y Islas de Tierra Firme*, tanto o Tombo I (1867) quanto o II (1880), e também o de Bernardino Sahagún, participante da conquista do império Asteca, em seu livro *Historia General de Las Cosas de Nueva Españas Tomo I* (1829). Essas obras e os autores citados foram os essenciais para desenvolver o presente trabalho. A partir da leitura dos mesmos, busco compreender como acontecia o ritual e quais os motivos, tendo em vista que a sociedade asteca era politeísta e durante os dezoito meses do calendário haviam as festividades e em alguns os rituais de sacrifícios. A descrição desses rituais nos permite pensar como essa civilização pré-colombiana tinha na sua cultura a religião, a adoração pelos seus deuses e a crença neles existentes.

3. Metodologia

A metodologia aplicada a esse trabalho é a de leitura e reflexão dos relatos feitos pelos cronistas, El Conquistador Anonimo, Motolinia, Diego Durán e também um participante da queda do império asteca, Bernardino Sahagún. Os seus escritos e relatos, juntamente com dos códices de imagens feitos



pelos cronistas, ajudarão no detalhamento e aprofundamento do trabalho. A partir disso pode-se ser feita uma reflexão de como eram os rituais de sacrifícios humanos dos povos astecas, com ênfase nos rituais do mês *Tlacaxipehualiztli*, assim como os motivos que tinham para serem feitos e também o estranhamento que os europeus tiveram ao chegar na capital do império asteca e se deparar com uma cultura totalmente diferente da que era praticada em seu país, ou seja, o choque cultural que tiveram com a cultura asteca e com os rituais que eram praticados pelos mesmos, que é relatada pelos autores citados como uma barbárie.

4. Resultados

Seguido das leituras e análises dos relatos de cronistas, juntamente com a observação dos códices, foi possível perceber e entender que os rituais de sacrifício eram marcados por uma festividade em determinado mês do calendário asteca, nesse caso o mês das festividades do *Tlacaxipehualiztli*. As festividades e rituais ocorridos nesse mês eram referentes a renovação da vegetação, por isso era retiradas a pele dos sacrificados. Os textos que compõe a literatura do período colonial e as obras que foram lidas aqui nesse trabalho têm grande relevância para o conhecimento referente às sociedades pré-colombianas, sendo que a partir delas foi possível serem feitas as considerações desse trabalho, pois oferecem um riquíssimo acervo nesse conhecimento. Com isso, nos leva a refletir e pensar como eram as sociedades, nesse caso a asteca, destacando nesse trabalho, as crenças, mitologia e rituais que eram feitos em forma de adoração aos deuses que compunham o panteão da civilização, colocando em destaque as festividades do segundo mês asteca e os rituais de sacrifício humanos feitos nesse período.

5. Conclusão

A partir do exposto, pode-se concluir que os astecas tinham grande devoção aos seus deuses e que neles tinham a graça e a força de manter o mundo que viviam e para isso deveriam oferecer sacrifícios, entre eles, o de pessoas, já que os deuses se sacrificaram para tornar o mundo habitável e assim pudessem povoar o território. A fé e a crença que recaia sobre os deuses pela população asteca nos mostra essa devoção e esperança que eles tinham em que os deuses continuassem com o ciclo, e isso visto pelos colonizadores e cronistas eram uma barbárie, a matança de inúmeras pessoas nos rituais para que se continuasse esse ciclo parecia para eles uma crueldade, mas para os astecas era natural e necessária para que desse continuidade ao império, ao povo e a crença neles existentes.

6. Referências



BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Mito e religião na sociedade Asteca. **Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 8, n. 1, p. 20-45, 2003.

DURÁN, Diego. Historia de las Indias de Nueva-España y islas de tierra firme. México. Imprenta de J. M. Andrade y F. Escalante, Tomo I, 1867.

DURÁN, Diego. Historia de las Indias de Nueva-España y islas de tierra firme. México. Imprenta de Ignacio Escalante, Tomo II, 1880.

EL CONQUISTADOR ANONIMO. Relación de algunas cosas de la Nueva España, y de la gran ciudad de Temestitán México; escrita por un compañero de Hernán Cortés. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). Colección de documentos para la historia de México. México. 1941.

LINDO, Luiz Antônio. O SACRIFÍCIO ASTECA NOS PRIMEIROS CRONISTAS. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 9, n. 16, p. 58-79, 2010.

MOTOLINÍA, Toribio. **Memoriales de Fray Toribio de Motolinia: manuscrito de la colección del señor don Joaquín García Icazbalceta**. En casa del editor, 1903.

SAHAGÚN, Bernardino et al. **El México antiguo: selección y reordenación de la Historia general de las cosas de Nueva España de fray Bernardino de Sahagún y de los informantes indígenas**. Fundacion Biblioteca Ayacuch, 1981.

SAHAGÚN, Bernardino. Historia general de las cosas de Nueva España: Tomo Primero. México. 1829.

SOUSTELLE, Jacques. A Civilização Asteca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.